

Ciência promove inclusão social de alunos da rede pública



Divulgação

EDUCAÇÃO - Alunos mostram interesse nas oficinas de química, física e biologia
28/09/2008 - Tribuna do Norte

Ellen Rodrigues - Repórter

Há seis meses, Hadênia Rodrigues, aluna do 8º ano da Escola Estadual Luís Maranhão Filho, tem uma rotina educativa que vai além da escola. Duas manhãs por semana, ela frequenta os laboratórios de química e física da Escola Alfredo J. Monteverde, em Cidade da Esperança. Na primeira, ela está aprendendo na prática sobre as transformações químicas para chegar à fragrância desejada. “Fizemos um perfume de erva doce”, conta.

Breno de Moura, 12, aluno da Escola Estadual Celestino Pimentel, pesquisa sobre que projeto vai construir virtualmente na oficina de robótica, que frequenta às terças e quintas-feiras. “Vamos utilizar o programa de computador Imagine [e Build, que imita o clássico jogo de montar, Lego]”. A escola, que faz parte do Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra, e tem como mantenedora a Associação Alberto Santos Dumont para Apoio à Pesquisa (AASDAP), vem mudando a realidade de 600 alunos da rede pública de Natal através da ciência.

“Nosso objetivo não é substituir a escola regular, mas promover a inclusão social pelo ensino e prática da ciência moderna, em um espaço que promova o gosto pelo conhecimento”, explica a diretora Dora Montenegro. Iniciada há um ano e meio, o ensino se baseia no método construtivista do educador Paulo Freire, e parte do pensamento de que toda criança deve ter acesso a uma Educação de qualidade, como previsto pela Constituição brasileira. “Não é um favor que fazemos a eles, é um direito que cabe a eles. Aqui eles são tratados com respeito e chamados pelo nome, o que proporciona autonomia e auto-estima, porque eles se vêem como sujeitos transformadores”, diz Montenegro.

Os alunos são oriundos de oito escolas municipais e estaduais do 6º ao 9º anos da zona oeste da capital, e frequentam a Monteverde duas vezes por semana, no horário oposto ao das aulas regulares. As aulas são ministradas em oficinas e laboratórios, mas os demais espaços de convivência, refeitórios, bibliotecas, corredores, tornam-se locais de aprendizagem constante. As tradicionais carteiras deram lugar a grupos circulares que discutem a ciência e aprendem a questionar, buscar novas hipóteses e soluções a cada tema estudado. Aliás, o professor aqui, é um mediador no processo de construção do conhecimento. “Nosso aluno é cidadão hoje, para podermos pensar no futuro é preciso que pensemos no hoje”.

As oficinas são divididas em biologia, química, física, história, robótica, ciência e arte e ciência e tecnologia, e cada aluno é inscrito em duas delas a cada semestre. “Não trabalhamos com iniciação científica, mas a ciência como meio para construção da cidadania. Sem conteúdo, o aluno não consegue mudar sua realidade”, explica.

A hora do intervalo é atrativa e chama a atenção de todos

Depois do lanche, os alunos se divertem com arte e jogos educativos. Uma roda de estudantes e professores faz uma música animada, com direito a instrumentos musicais e muita animação. Quem não sabe tocar, canta. Ao lado, nas mesas de lanche grupos jogam dominó, jogo da velha e damas. Pelo espaço de convivência trabalhos e fotografias mostram a trajetória de trabalhos em sala de aula.

Um painel apresenta informações sobre as eleições, como se realiza, quais os cargos preteridos, e qual a importância de um voto refletido. “O que vejo na Monteverde me ajuda em várias disciplinas da escola, como biologia, matemática e até português”, diz o aluno Breno de Moura.

A mãe de Breno, Maria Gorete de Moura, que também tem outro filho na escola Monteverde, se diz bastante satisfeita com a oportunidade. “Eles contam em casa o que fizeram em sala e fazem experiências”

Estudantes têm toda a liberdade para criar

Os prejuízos do efeito estufa viram jornal e os diferentes tipos de solos são uma boa razão para aprender medidas na balança e noções de consciência ambiental. A sala onde são ministradas as aulas de história, encontra-se uma verdadeira viagem no tempo: uma instalação confeccionada pelos próprios alunos conta a origem do universo, por figuras, colagens e textos. Logo ao lado, trabalhos que resgatam o patrimônio histórico da capital: marco de Touros, Capitania das Artes...

Além da ausência de carteiras, a interatividade é outro ponto forte nas aulas. Cada passo é dado coletivamente, com perguntas que fazem os alunos refletirem sobre o que estão estudando. Na oficina de ciência e tecnologia, com o professor Walter Romero, que é mestre em Ensino da Física, os alunos testavam diferentes materiais para saber quais deles eram condutores de energia. “Por que este não acendeu pessoal?”, pergunta Romero. Uma das alunas levanta a mão para falar, “Porque não passou energia”.

E o local parece mesmo com uma oficina: óculos de segurança, pincel, brocas, lixadeiras orbitais, e todo o material necessário para a prática da física encontravam-se catalogados em uma estante.

Um dos focos centrais do setor de Projetos Sociais da Associação Alberto Santos Dumont para Apoio à Pesquisa é a gestão de Centros de Educação Científica com a proposta de promover a inclusão social de meninos e meninas que vivem em bolsões de pobreza do Nordeste.

A primeira ação foi a criação da Escola Alfredo J. Monteverde que atualmente atende mil alunos em duas unidades: uma em Natal e outra em Macaíba. Eles frequentam a escola duas vezes por semana, em turno contrário ao de suas aulas regulares nas escolas públicas, e recebem todo o material necessário para as aulas, camiseta e lanche.

Copyright© 1996-2008 Tribuna do Norte/RCC.

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo deste site sem prévia autorização.